
A VIRGEM MARIA NAS APARIÇÕES:

QUEM É ESTA MULHER?*

Lilian Maria Sales**

A alegria com a qual sucessivas gerações lhe atribuíram o título de santa variou muito através dos séculos, porém, em todas as épocas foram notáveis o êxito e a importância alcançados pela bem-aventurança de Maria, tanto entre os homens como entre as mulheres, nas mais variadas situações. E, na verdade, isso realmente faz dela uma Mulher para Todas as Épocas.

(Jaroslav Pelikan)

Resumo: neste artigo analisaremos as características e papéis atribuídos à Nossa Senhora nos fenômenos de aparição presentes no mundo contemporâneo. Para isso utilizaremos como estudo de caso as aparições de Maria ocorridas na cidade de Jacareí, interior de São Paulo. Observaremos que os elementos apreendidos nas aparições reportam-se a papéis assumidos em outros momentos históricos e/ou contextos, que ganham, porém, novas interpretações que fazem sentido no mundo contemporâneo. Destacaremos a centralidade da maternidade da Virgem, sendo que, ao seu papel de mãe da humanidade estão atreladas concepções de indivíduo centrais para os devotos.

Palavras-chave: Nossa Senhora. Elementos Simbólicos. Maternidade.

* Recebido: 10.10.2011.

Aprovado: 20.12.2011.

** Mestre e Doutora em antropologia social pela USP. Docente de Antropologia na Universidade Federal de São Paulo. E-mail: lil.sales@hotmail.com

As características assumidas por Nossa Senhora nas aparições marianas possuem grande riqueza simbólica, sendo compostas por elementos constituídos em diferentes momentos da história do catolicismo. Neste artigo procuraremos identificar as características atribuídas à Virgem Maria nas aparições contemporâneas, demonstrando, por um lado, a sua profundidade histórica e, por outro lado, os sentidos atribuídos à Maria nas manifestações da atualidade, a partir da atualização destes antigos símbolos. Observaremos que os elementos apreendidos nas aparições reportam-se a papéis assumidos em outros momentos e/ou contextos, porém, esses elementos simbólicos e papéis adquirem interpretações relacionadas ao mundo contemporâneo, especialmente próximas a noção de indivíduo constituída na modernidade.

Estas interpretações estão relacionadas aos papéis e às características assumidos por Maria nestes fenômenos, que se reportam a sua maternidade. Maria nas aparições é sobretudo mãe, coexistindo duas personagens em uma só figura: uma Maria frágil, doce, meiga e sorridente e outra forte, determinada, ameaçadora e preocupada. Ambas, porém, sempre identificadas com os papéis e características assumidos por uma verdadeira mãe, pela mulher considerada exemplo para toda a humanidade.

Utilizaremos como estudo de caso a aparição de Nossa Senhora ocorrida no Município de Jacareí, interior do Estado de São Paulo, que acompanhamos durante seis anos, entre 2002 e 2008. A aparição de Jacareí teve início no ano de 1991. Seu vidente era o então adolescente Marcos Tadeu, de treze anos. A primeira visão ocorreu numa tarde, quando o menino voltava para a casa após a aula, e desde então se repete freqüentemente. As informações e mensagens presentes neste artigo foram obtidas, sobretudo, durante os cenáculos, rituais mensais nos quais, segundo os fiéis, aconteceria a aparição e a transmissão de uma mensagem especial.

Os cenáculos ocorrem todos os segundos domingos de cada mês, pela manhã, possuindo aproximadamente quatro horas de duração. O ritual é realizado ao ar livre, no alto de uma pequena montanha. Esse é o dia de peregrinação, nos demais dias do mês a montanha não é freqüentada pelos devotos. Os frequentadores dos Cenáculos vêm de diferentes locais, participando dos rituais em excursões de variadas cidades, sendo apenas uma minoria de moradores de Jacareí. São peregrinos, se deslocam para presenciar a aparição.

No “monte” há um pequeno altar, onde permanece o vidente Marcos Tadeu durante todo o Cenáculo, iniciando o ritual com orações – terço da libertação, de Nossa Senhora desatadora dos nós, entre outros, que se estende durante todo o ritual. Por volta do meio dia acontece a aparição, em que Maria lhe aparece e lhe fala. Esse é o auge do ritual, em que todos os presentes permanecem de joelhos, havendo um silêncio absoluto – o único ruído que se ouve é a voz do vidente, “falando com Nossa Senhora”.

Entremeando as orações, Marcos faz referência a mensagens proferidas em outras aparições marianas, principalmente de divulgação internacional, estabelecendo conexões e aproximações com as mensagens de Jacareí. Chama também a atenção o consumo de produtos religiosos durante o cenáculo. Há uma barraca instalada em um “canto” da montanha, na qual os presentes consomem produtos referentes a várias aparições de Nossa Senhora, e não apenas a de Jacareí. Os artigos consumidos em maior escala são as medalhas e terços das aparições locais, mas também há uma grande variedade de produtos de outras aparições marianas, principalmente DVDs, CDs e livros sobre fenômenos internacionais, como Fátima, Medjugorje e Lourdes, mas também sobre pequenas aparições locais, como Muriaé e Niterói.

Notamos, pois, o interesse dos participantes sobre manifestações do mesmo tipo: na busca de informações sobre eles e pela peregrinação para outras manifestações marianas, inclusive fora do país. Essa característica do público nos chamou a atenção: os peregrinos, mesmo quando participantes assíduos de uma manifestação de Nossa Senhora, não peregrinavam exclusivamente para sua denominação de devoção, mas também para outros fenômenos semelhantes. Ou seja, apesar de devotos da aparição de Jacareí, também freqüentam e se informam sobre várias outras manifestações do mesmo tipo, estabelecendo conexões entre elas¹.

Nesse sentido, o Cenáculo de Jacareí pode ser percebido como um dos “pontos de confluência” de uma rede de manifestações marianas, pela qual circulam manifestações, peregrinos, informações, práticas rituais, produtos religiosos e mensagens. As orações proferidas e os produtos vendidos nos dão pistas sobre as relações e conexões existentes entre várias manifestações marianas de respaldo internacional – como Fátima e Medjugorje – e algumas pequenas aparições brasileiras.

Essas relações e conexões tornaram-se ainda mais evidentes quando nos centramos nas peregrinações realizadas por parte do público dos Cenáculos de Jacareí, que se estendem para outras manifestações de Nossa Senhora. O próprio vidente já havia peregrinado para outras aparições, sendo que mantém contato com outros “mensageiros” de Maria. Embora a conexão entre os fenômenos não seja o objeto de nossa análise, importa destacar a sua existência, pois, apesar de usarmos a aparição de Jacareí como estudo de caso, este sistema simbólico se estende a outras manifestações do mesmo tipo, pelas quais circulam ideias, símbolos e crenças semelhantes.

Demonstraremos, pois, a multiplicidade de papéis e características associados a Nossa Senhora nestes fenômenos. Historiadores da mariologia já se detiveram sobre a multiplicidade de Maria. Segundo Pelikan (2000), ela, através dos séculos, assume diferentes papéis na história da cultura. Também Warner (1983), em

seu livro *Alone of all her sex* concentra-se nos diferentes aspectos da Virgem em diferentes momentos da história do cristianismo.

Sabemos, pois, que Nossa Senhora possui uma grande variedade simbólica, bem como diferentes papéis, não apenas ao longo da história do catolicismo, mas também nas suas diversas denominações e no contexto em que estão inseridas. Maria, apesar de única, é também múltipla, possuindo numerosas representações. Citando Almeida (2003, p. 69) “moldada e animada em diversos contextos históricos e sociais, Maria tem assumido diferentes aspectos, propiciando o surgimento de inúmeras devoções marcadamente distintas”. Ao analisarmos a simbologia da Virgem em Jacareí, pois, estamos nos voltando para características que foram sendo atribuídas a Maria através de séculos de cristianismo, pela ortodoxia católica e/ ou pela tradição popular, em suas diversas denominações e devoções.

Almeida (2004, p. 69) em sua pesquisa sobre as aparições da Virgem em Piedade das Gerais, no interior de Minas, analisou o pertencimento deste símbolo católico a três esferas: a cultura bíblica, a cultura eclesiástica e a cultura popular, considerando “que sempre houve entre os conjuntos discursivos um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se move de um lado para o outro, de cima para baixo e vice versa”. A autora demonstra como na aparição da Virgem em Piedade das Gerais estão presentes elementos associados a Maria na Bíblia, nos dogmas eclesiásticos e na tradição popular. Cada uma destas três esferas contribui para a constituição da representação da Virgem de Piedade, demonstrando a circularidade e a convivência entre elas. Almeida localiza as características de Nossa Senhora em cada uma destas três esferas, destacando que elas estão em constante diálogo, conectadas, podendo haver referências a um mesmo símbolo em cada uma delas, embora a interpretação possa variar. Exemplo disso é a maternidade divina. Há referências na bíblia – cultura bíblica –, mas trata-se também de um dogma mariano – cultura eclesiástica –, além de ser uma crença amplamente presente no catolicismo popular – cultura popular. Embora não seja nosso intuito abordar as aparições como pertencentes a um “grupo ou tradição cultural”, o estudo realizado pela autora é interessante, pois demonstra a amplitude e a diversidade da simbologia mariana, pois ela pertence, de maneira peculiar e simultânea, a todas as três esferas.

Assim, analisaremos as características e papéis atribuídos a Nossa Senhora nas aparições contemporâneas tendo por base a aparição de Jacareí. Desde já destacamos a atribuição de valor e responsabilidade aos indivíduos a partir desta simbologia, percebida no discurso dos participantes – peregrinos e videntes. Atrelada às características e papéis de Maria nas aparições constatamos uma concepção de indivíduo que se mostra central para os devotos.

MARIA: QUEM É ESTA MULHER?

Ao longo de nossa pesquisa sobre as aparições de Jacareí duas dimensões de Nossa Senhora foram se revelando centrais: a imagem de Maria – suas características físicas, de acordo com a descrição do vidente e da imagem esculpida a partir desta descrição exposta na capela das aparições –; e sua personalidade – captada a partir das mensagens professadas por Nossa Senhora e das interpretações dadas a elas pelos participantes: a fala do vidente, dos membros do grupo de apoio e dos peregrinos.

Desde o princípio notamos uma ambigüidade nas características de Nossa Senhora, coexistindo duas personagens em uma só figura: uma Maria frágil, doce, meiga e sorridente – como a sua imagem presente na capela das aparições – e outra forte, determinada, ameaçadora e preocupada, que surge principalmente nas falas que associam sua figura às previsões de castigos sobre o Fim dos Tempos.

A simbologia mariana é muito ampla, e a existência destas duas figuras reporta-se às manifestações do século XIX, ou ainda anteriormente, na idade média, não sendo novidades estabelecidas pelas aparições contemporâneas. No entanto, a coexistência destas duas características em uma mesma representação é interessante, e somente possível devido à importância atribuída à maternidade de Maria, é por ela ser mãe que pode ser frágil e forte ao mesmo tempo, protetora e ameaçadora, delicada, mas determinada, não representando isso uma ambigüidade para os fiéis.

A Fragilidade da Imagem

Marcos, o vidente de Jacareí, descreve a imagem de Maria como uma jovem, quase adolescente, com cerca de dezoito anos. Ela é descrita como uma figura luminosa, jovem e sorridente, que somente se identifica como Nossa Senhora, mãe de Jesus, após dois anos de aparições. Até então era chamada de “jovem senhora”, ou “jovem luminosa”. Citamos duas descrições da aparição, a primeira relatada por Marcos Tadeu durante uma manifestação e a segunda presente no livro “Maria nas aparições de Jacareí”, organizado pelo grupo de apoio² as manifestações.

Podia vê-la nitidamente: era uma jovem de uns dezoito anos, com um vestido levemente cinzento, puxando para o azul, um manto branco como a neve, uma coroa de doze estrelas na cabeça, uma longa faixa branca atada na cintura. Em suas mãos havia um terço de contas brilhantes e luminosas. Nunca vi uma mulher tão bela quanto ela. Docemente me fazia um sinal para que eu me aproximasse. Ela sorria, com aqueles olhos azuis inesquecíveis (Marcos Tadeu).

É belíssima, radiante, cheia de beleza e amor. Tem os cabelos negros como a noite, rosto suave, sereno, banhado de luz e doçura. Fala o português claro. Sua voz é melodiosa, ce-

lestial. Aparenta ter uns dezoito anos. Seu jeito de tratar é muito carinhoso, maternal. Vem com uma coroa de doze estrelas na cabeça, pequenos pontos azuis luminosos. Seu manto é de cor cinza azulado e o manto é de uma brancura maior do que a neve. Traz um longo terço de contas luminosas em suas mãos. Seus olhos são de um azul brilhante, fulgurante. Pousa no ar, em uma nuvem branca que não toca o chão (Passagem do livro *As aparições de Maria em Jacareí*, p. 23).

As duas descrições possuem características muito semelhantes, já existindo uma “descrição padrão” da Virgem de Jacareí. O vidente e os peregrinos, quando descrevem a aparição, ressaltam a juventude de Maria, bem como a sua suavidade e doçura. Todos os elementos descritivos contribuem para a constituição desta imagem doce e suave: seu rosto tem traços suaves, serenos, sua voz é melodiosa, fala de forma carinhosa, exala um odor de rosas, tem olhos azuis brilhantes. Ou seja, a imagem da Virgem possui características muito meigas e suaves.

A imagem presente na capela das aparições procura seguir as características descritas, ela retrata uma jovem, com um rosário nas mãos e vestida com um manto cinza e uma coroa de estrelas na cabeça. A semelhança com a imagem de Nossa Senhora de Fátima é muito grande, ela também uma imagem de uma jovem, de traços belos e suaves, branca, quase loira, com um rosário em uma das mãos e o manto branco com uma coroa. A imagem de Nossa Senhora de Lourdes também não difere destas duas – é jovem, caucasiana e de traços suaves.

Assim, essas imagens da Virgem em aparições têm em comum a juventude e a suavidade, ela aparece como uma moça muito jovem, uma adolescente de cerca de dezoito anos em Jacareí, e ainda mais jovem em Fátima e Lourdes –, descrita por Lúcia, a vidente de Fátima, como uma “rapariga de quinze anos” – ou por Bernadette, em Lourdes, como uma menina de doze anos. Essas imagens de Nossa Senhora correspondem a um modelo que ressalta a feminilidade como doce e suave, sendo que Maria, como modelo desta feminilidade, possui estas características exacerbadas. Todos os adjetivos utilizados em sua descrição contribuem para formar uma imagem de doçura. Nesse aspecto, a idade descrita nas aparições corresponde ao momento em que Maria, segundo a crença católica, recebe a anunciação, é informada por um anjo que vai gerar o filho de Deus. É também a partir da anunciação que a postura de submissão de Nossa Senhora diante de Deus começa a ser formada. Esses pontos merecem ser aprofundados. As características da imagem de Maria em Jacareí – juventude, suavidade e doçura – correspondem a um modelo de mulher. Esse modelo reporta-se ao relato bíblico da anunciação e às interpretações dadas a ele. A juventude de Maria é o período em que ela recebe a visita do anjo Gabriel, anunciando-lhe que gerará o filho de Deus, e, principalmente, é o momento em que, segundo a teologia cristã, ela aceita o plano de Deus, dizendo sim para o anjo.

Segundo Pelikan (2000, p. 39), a resposta de Maria ao mensageiro de Deus – cumpra-se em mim segundo a sua palavra – “sem mencionar explicitamente a palavra fé, suas palavras identificaram a palavra “fé” com obediência, e a descrição de sua obediência à palavra de Deus fez dela um modelo de fé”. Assim, a anunciação é o momento em que Maria diz sim ao plano divino, tornando-se modelo de fé e obediência. A aparição de Jacareí, ao destacar características de Maria que se reportam a anunciação, carrega consigo essa simbologia, a Virgem é o modelo de obediência e submissão ao plano divino.

O modelo que associa fé, juventude, suavidade, obediência, submissão está presente não apenas na descrição física de Maria, mas também no discurso dos peregrinos. Podemos constatá-lo principalmente quando os devotos classificam Nossa Senhora como humilde, sendo esta característica constantemente relacionada à obediência. Maria, apesar de ter sido a Escolhida por Deus – fato que poderia levar à soberba ou arrogância – sempre foi uma mulher humilde, sendo esta humildade constatada pela sua aceitação e obediência aos desígnios divinos – não apenas durante a anunciação, mas em toda a sua vida, aceitando até mesmo o que é percebido como a suprema dor para uma mulher e para uma mãe: a morte de seu filho na cruz. Segundo os devotos, Maria aceitou com resignação todos os sofrimentos imputados por Deus a ela e a seu filho, sendo por isso modelo de obediência, quietude, resignação.

Voltando ao tema da anunciação, esta é uma das poucas passagens bíblicas em que Maria é mencionada, sendo raras as passagens sobre ela no novo testamento. O culto de Maria aumentou significativamente através dos séculos, ocorrendo grande número de denominações e diversas especificidades em suas devoções, porém, alguns destes elementos são originários dos relatos bíblicos e de suas interpretações, como o sim de Maria, que a transforma em um modelo de fé para toda a humanidade, e em um modelo de obediência e submissão feminina.

A teologia católica, constituída ao longo dos séculos, considera o sim de Maria como a aceitação da vontade divina, a submissão aos desejos do Pai. Essa submissão é observada nas obras sacras, em que Maria é uma jovem de aspecto frágil, assustada com a aparição do anjo, mas disposta a cumprir a sua parte no plano divino.

Assim, a juventude de Maria é o período de sua vida associado à submissão à vontade divina. A jovem da anunciação é frágil e delicada, como na imagem das Virgens das aparições, especialmente de Jacareí, em que as características de sua delicadeza são exacerbadas e a sua humildade e obediência destacadas. Fragilidade, delicadeza, obediência, humildade são características interligadas na construção da figura de Maria em Jacareí: Estas são as características da mulher modelo de fé, modelo de obediência e modelo de humildade. A Virgem descrita por Marcos Tadeu carrega toda essa simbologia. Ela é a Virgem jovem, frágil e submissa da anunciação, aquela que diz sim ao Senhor.

Entretanto, também na anunciação começa a se configurar outra simbologia de Nossa Senhora: a mulher forte ou mulher de coragem. Essa aparente ambiguidade entre uma imagem frágil de Nossa Senhora e a atribuição de características consideradas fortes a sua personalidade são constitutivas da sua figura ao longo dos séculos. As aparições analisadas são interessantes por que há a convivência destas duas características – a fragilidade e a fortaleza – em uma mesma denominação mariana.

A Mensagem e suas Interpretações

Sou a verdadeira mãe e a verdadeira intercessora de vocês junto ao trono de Deus, junto de Jesus...

Eu lhes digo filhos: os dias e os tempos em que eu posso salvá-los são agora! Se adiarem a sua conversão será tarde demais... Muitos dos meus filhos já estão afastados da Igreja, longe do verdadeiro caminho, vivendo nos erros, no vício, nos pecados... No meio de vocês ainda há muitos que transpassam meu coração! Eu continuo sofrendo por cada filho meu que vive nos vícios, na indiferença, na falta de oração...

Eu sou o auxílio dos cristãos, eu sou a mãe sempre solícita, sempre disposta a lhes ajudar, a lhes dar a paz. Encham-se de esperança, de amor, de oração! O Espírito Santo em breve virá sobre a terra e purificará. Mas nesta poderosa intervenção estará também a condenação dos maus. Vocês vêem seqüestros, roubos, prostituição, violências que explodem de todos os lados. Estes são os sinais que indicam estar perto a volta do filho do homem. Meu TRIUNFO está às portas! Aquele que não estiver em oração sucumbirá. Aquele que estiver internamente podre cairá. Por isso, meus filhos, eu imploro que orem, que se convertam. Que não me façam mais chorar lágrimas de sangue por vocês, mas voltem o quanto antes para Deus. Rezem o Rosário todos os dias! O que está segurando os castigos é o Rosário! (Mensagem de 25/05/96)

Começamos este item com uma mensagem transmitida pelo vidente Marcos em Jacareí e atribuída a Nossa Senhora, que concentra importantes características associadas à Maria nas aparições através da voz da própria Virgem, na concepção dos participantes.

Analisaremos estes elementos utilizando não apenas a fala de Maria, mas também a fala do vidente e a fala dos peregrinos, ou seja, as interpretações dadas pelos participantes para a figura de Nossa Senhora. Veremos que os elementos de destaque se repetem no discurso dos diferentes atores, estando presentes na mensagem anterior: a maternidade, a mediação, o sofrimento e o combate.

Maria: Mãe

Eu Sou a mãezinha de cada um de vocês. Eu não me alegro com a condenação dos pecadores. Choro quando se condenam e me alegro quando se voltam a mim. Eu sou a ternura de Deus. Venham meus filhos, construamos a era do amor...(Mensagem de 12/03/1994).

AMO-OS, meus pequeninos! Vejo as suas dificuldades, vejo os seus sofrimentos, vejo a cruz que cada filho meu carrega... Meus queridos filhos, não desanimem diante das dificuldades que o inimigo põe em seu caminho. Quero AMÁ-LOS cada vez mais com o meu coração de mãe (Mensagem de 07/04/1995).

A maternidade de Maria é a característica mais destacada nas falas de Jacareí. Nossa Senhora se dirige aos homens os chamando de “meus filhos”, “filhinhos”, “queridos filhos”. O dogma da maternidade de Maria a considera mãe de Deus e da Igreja, sendo que ainda durante a Idade Média a comparação das maternidades – Maria sendo a mãe do Cristo e a Igreja a mãe dos cristãos – conduz ao progresso doutrinal que afirma a maternidade espiritual da Virgem: Maria é a mãe dos cristãos. Entretanto, nas palavras dos participantes de Jacareí, Maria surge como “mãe de cada um dos homens”, e não como mãe da cristandade de forma genérica. Ela “vê a cruz que cada um carrega”, tem olhos para cada um de seus filhos individualmente.

As falas de Maria são extremamente doces e carinhosas – perfeitamente compatíveis com a imagem analisada no item anterior. A maternidade está associada ao carinho, ao afeto, Maria se dirige de forma afetuosa aos homens, usando adjetivos carinhosos, como queridos, amados, entre outros. E, como mãe, dirige-se especificamente a cada um deles. Ela é percebida como a mãe gentil, meiga, carinhosa e preocupada com cada um de seus filhos.

Nossa Senhora está preocupada com a salvação de cada um de seus filhos e por isso vem lhes avisar da proximidade do fim dos tempos. Na concepção dos participantes, é o desejo de salvação de seus filhos que explica as aparições, ela vem lhes avisar da importância de uma vida sem pecados para conseguirem a salvação.

Esta explicação dos devotos traz em si outra característica importante de Maria nas aparições: a mediação. Ela sabe dos planos de Deus, e por isso vem a terra para avisar aos homens, e, ao mesmo tempo, intercede por eles diante de Deus. Os dois papéis estão bastante alinhavados nas aparições recentes.

Ambas as características de Maria são bastante antigas no catolicismo, sendo que ao menos uma referência nos evangelhos relaciona Maria como mãe de Deus: o relato conhecido como a visitação, em que Isabel, prima de Maria, se refere à ela como a “mãe do meu senhor”. Com base nesta passagem o Concílio de Éfeso, em 431, transpõe a expressão para o preceito de Maria como Theotokos – mãe de Deus.

Entretanto, quando nos referimos à maternidade de Maria entramos em um campo em que vários paradoxos estão presentes e permanecem atuantes, pois Maria é considerada mãe e virgem, mãe de Deus, mas mãe humana de Deus – aspecto fundamental para seu caráter de intermediária entre os homens e Deus, como veremos adiante, bem como mãe da Igreja e da própria humanidade. Todos

esses aspectos constituem a sua maternidade, e permanecem centrais quando nos referimos às aparições de Nossa Senhora.

A maternidade divina de Maria remonta ao Novo Testamento e aos primeiros anos da cristandade, especialmente no Oriente, onde adquiriu o título de Theotokos, mãe de Deus. Segundo Pelikan (2000), esse título foi acompanhado de grandes polêmicas, pois etimologicamente, Theotokos não possuía o significado simples de “mãe de Deus”, mas o significado preciso de “aquela que deu a luz a Deus”, e a principal polêmica devia-se à crítica de que esse título daria a blasfema impressão de que Maria havia dado a luz à própria natureza divina, o que a aproximaria das divindades-mães do paganismo. Entretanto, é justamente para relembrar a dupla natureza de Cristo – humana e divina – que foi justificada a proclamação de Maria como Theotokos, sendo ela a humana que deu a luz a Cristo, e garantindo, pois, a natureza humana de Jesus – ao lado de sua natureza divina, pela paternidade do Espírito Santo. Assim, Maria é a mãe de Deus, mas a mãe humana de Deus.

Entretanto, Maria no cristianismo e no contexto das aparições não é considerada apenas a Mãe de Deus e/ou de Jesus, ela é a mãe da Igreja, e, principalmente, a mãe da humanidade. Mais do que isso, ela é a mãe de cada um dos homens, existe uma dimensão individual, a identificação de Maria como minha mãe por cada um dos devotos. Ela é, pois, a mãe de todos e de cada um. E, segundo a expressão recorrente nas aparições, como qualquer mãe, ela possui uma preocupação e uma dedicação especial com cada um de seus filhos. Há, pois, uma extensão da maternidade de Maria para cada homem, ela não é apenas mãe da humanidade, ela é a mãe de cada indivíduo, ela sabe as dores e as necessidades específicas de cada um de seus filhos. Isso somente é possível devido a sua dimensão humana, apesar dela pertencer ao plano divino, ela é capaz de perceber e se preocupar com as aflições dos homens.

Nesse sentido, o fato de Maria ser mãe de todos os homens relaciona-se à sua característica de mediadora. Ela traz recados e transmite notícias do Reino dos Céus para os humanos por que se preocupa que todos consigam a salvação, considerada como a obtenção do Paraíso. Nas palavras dos participantes, ela quer cada um de seus filhos ao seu lado, e ao lado de seu filho Jesus, no Paraíso. Assim, nas falas de Jacareí, Maria é sobretudo mãe, em uma concepção que associa maternidade e carinho, afeto e preocupação com o bem estar de seus filhos. A forma com que se dirige aos homens é afetuosa, bem como a forma como eles se dirigem a ela – ela é a “mãezinha querida” de cada um deles, e, como mãe afetuosa “conhece” cada filho, ela sabe as suas necessidades, angústias e tristezas específicas, pois, “para toda mãe, cada filho é especial e único”. É Maria mãe dos homens, minha mãe, a referência constante, ela é próxima, íntima, humana – e não divina e distante.

Além disso, ser mãe, na concepção dos participantes também implica em uma grande dimensão de preocupação e de proteção aos filhos. Por isso nas aparições Maria está preocupada com os homens devido à proximidade do Juízo Final, ela quer protegê-los dos castigos previstos para o fim dos tempos – a dimensão escatológica é também central nas aparições.

Interessa notar que, junto a esta concepção de Maria Mãe, há também uma concepção de indivíduo. Os homens, como filhos de Nossa Senhora, são únicos e amados por ela. Esta concepção faz os devotos sentirem-se amparados, pois cada um se percebe como especial para a Virgem. Segundo eles, para Maria, como boa mãe, cada filho seu é único, ela “conhece” cada um deles, suas necessidades e angústias. A frase você é especial para Maria, é constantemente repetida nos Cenáculos, fazendo parte de um cântico bastante comum nos rituais.

No entanto, ela somente tornou-se mãe da humanidade como uma extensão de sua característica de mãe de Jesus. Assim, Maria a princípio foi considerada Mãe da Igreja, por ter sido a primeira a acreditar no plano de Deus, desde a anunciação do anjo, quando teve fé nos fatos anunciados, até o momento da crucificação de seu filho, quando, apesar do sofrimento, acreditava e sabia previamente de sua redenção.

Entre os devotos das aparições, Maria é mãe dos homens, mas também participa do plano divino. Ela é, por um lado, a mãe preocupada com a salvação de seus filhos, mas, por outro lado, ela também é a mãe de Deus, está ao seu lado nos céus e tem conhecimento de seu plano para a humanidade.

Nossa Senhora: a Mediadora

Eu os quero muito, e sabem que eu desejo conduzi-los pela estrada da santidade. Eu estou com vocês, e os conduzo pelo caminho do AMOR verdadeiro de Deus (Mensagem de 29/04/1995).

Queridos filhos, quero dar-lhes o meu AMOR e os benefícios da minha intercessão. Sou a verdadeira mãe e a verdadeira intercessora de vocês junto ao trono de Deus, junto de Jesus (Mensagem de 24/05/1996).

Filhinhos, sou a mãe de vocês! Guardo-os dentro do meu coração Imaculado! Que de hoje em diante nada aflija os seus corações, pois eu sou a companheira de vocês. Caminho com vocês junto a Jesus. Eu os amo e estou sempre orando por vocês junto a Ele (Mensagem de 14/07/1997).

A mediação de Nossa Senhora está diretamente relacionada à sua maternidade. Estas duas características estão profundamente intrincadas no discurso dos participantes das aparições de Jacareí: Maria intercede pelos homens, os conduz ao reino de Deus, pede por eles por ser considerada mãe dos homens. Ela realiza as intercessões, media as relações entre os homens e Deus por ser mãe. Em todas as falas citadas há a menção a sua maternidade, ela se coloca como mediadora e mãe.

A relação entre a maternidade de Nossa Senhora e a sua intermediação estão presentes desde o início da devoção a ela no cristianismo, e se devem à natureza de Maria, entre divina e humana. Segundo Pelikan (2000), a natureza divina não advém de seu nascimento, ela nasce humana, mas eleva-se, durante a sua vida, à natureza divina³. Enquanto mãe de Deus, ocupava uma posição especial. “Ela certamente fora menor que Deus, mas não se pode negar que também fora maior que um ser humano comum e mais importante que qualquer outro santo” (PELIKAN, 2000, p. 143). Essa posição especial havia sido adquirida, ela não era parte de natureza divina, mas tornara-se parte dela, não possuía uma natureza divina preexistente, como no caso de Cristo, tendo sido totalmente humana, como todos os demais seres humanos. Segundo o autor, “por ter sido escolhida por Deus para ser a Theotokos sua natureza completamente humana fora transfigurada e ela se tornara, ainda em sua existência humana e de modo singular, participante da natureza divina” (PELIKAN, 2000, p. 149).

O papel de mediadora assumido por Nossa Senhora deve-se a esse seu aspecto dúbio, entre ser humana e ser divina. Ela não é divina, mas foi o ser humano que mais dela se aproximou e por isso é um modelo para a humanidade, modelo de ser humano perfeito que alcançou um lugar ao lado de Deus.

A idade média foi um período de intensa devoção à Virgem Maria, segundo Barnay (2003) seu nome invadiu o mundo inteiro, sendo a devoção deste momento marcada pela crescente ênfase no seu papel de mediadora. Porém, o que se entendia desse papel desempenhado por Maria? Podemos relacionar ao menos dois aspectos da mediação: Nossa Senhora representava a mulher por meio de quem nos elevamos a ele, e pela qual Deus desceu a nós, é, pois, por quem nós podemos ter acesso ao filho. O termo mediadora se referia a esses dois aspectos da condição de Maria, mencionando seu papel na encarnação e na redenção. Ela foi responsável pela encarnação de Jesus, ao obedecer e tomar parte no plano de Deus e, conseqüentemente foi possível a Redenção do Senhor. Ela possui, para a teologia desse período, um papel ativo na história da salvação.

No entanto, Maria é mediadora também devido a sua intercessão entre Cristo e a humanidade, e não somente por seu papel na história da salvação. Durante os rituais que acompanham as aparições, bem como para os devotos, é a intercessão de Maria que se referem quando a mencionam como Mediadora. Entretanto, essa devoção a Maria como intermediária dos homens advém, justamente, de sua participação na redenção, sendo devido a ela que Nossa Senhora foi considerada teologicamente como a segunda dignitária, abaixo apenas de Deus que nela havia feito sua morada. Ela, pois, passa a ser considerada mais importante que qualquer ser humano comum e que qualquer santo, devendo receber os louvores do mundo inteiro. Nossa Senhora assume, por sua enorme santidade, o papel de mãe misericordiosa nas horas de necessidade e aflição,

sendo poderosas as preces que lhes são endereçadas, pois ela as levará a seu filho Jesus. É essa característica constantemente destacada nas aparições de Jacareí, a colocação de que Maria está abaixo apenas de Deus. Seu lugar é abaixo de Deus e acima dos homens, sendo capaz, por um lado, de conduzir os homens no caminho de Deus – pois ela é humana e realizou este caminho – e, por outro lado, de pedir, orar pelos homens diante de Deus – pois ela está ao seu lado no reino dos céus.

Assim, a dimensão humana de Maria é fundamental para a sua mediação. Ela é humana como cada um dos homens e mulheres que lhe dirigem preces, pois “Ela jamais poderia ser verdadeiramente mediadora a menos que também fosse humana (...) Maria não poderia ter sido o arquétipo de todos os remidos a menos que também fosse um deles” (PELIKAN, 2000, p. 201). Dessa forma, a humanidade de Maria explica a sua mediação, e também a extrema identificação e proximidade que os devotos sentem pela Virgem. Ela foi humana, sofreu e foi feliz como cada um deles.

Por isso a Virgem é considerada capaz de perceber, de sentir, de se compadecer das agruras passadas por cada um de seus filhos. O sofrimento dos homens a toca por que ela é mãe, mas também por que ela foi humana, sofreu das dores do corpo e da alma, elemento que contribui para a grande proximidade e intimidade dos devotos em relação à Maria.

Esses dois papéis são intensamente destacados nas aparições marianas. Nossa Senhora é mãe da humanidade, mãe humana, e não apenas mãe espiritual, por isso entende os sentimentos de cada um de seus filhos, que também são seus iguais. Por outro lado ela também é mãe de Deus, e está ao seu lado nos céus, tendo poder e influência sobre seu filho divino, e por isso pode intermediar tão bem as preces que lhe são dirigidas por seus filhos humanos.

Na mediação, pois, a maternidade e a humanidade de Maria são destacadas, emergindo uma concepção de indivíduo, como mencionado no item anterior, como únicos e especiais. Além disso, eles se percebem como seus iguais, pois compartilham da mesma natureza humana que Maria. O valor e a importância da indivíduo aparecem constantemente na simbologia mariana acionada pelos fiéis.

Outra característica importante de Nossa Senhora é que ela não é uma figura passiva ou submissa, pelo contrário, ela é ativa, ela é aquela que se mobiliza para que os pedidos de seus filhos sejam atendidos, para que a sua salvação seja possível. Assim, a sua obediência e aparente submissão não se manifestam como passividade. Como observado na primeira mensagem, ela é a condutora dos homens. Há uma ambiguidade, quase uma incoerência na personalidade de Maria. Por um lado, há ênfase na sua característica humilde pelos participantes, para eles a humildade está relacionada à sua aceitação do plano divino, desde a anunciação

até a crucificação. No entanto, por outro lado, ela também surge como mulher ativa nas falas sobre as aparições, como aquela que interfere no destino dos homens, que os conduz. Dessa forma, nas aparições, apesar de ser uma figura doce e meiga, ela é atuante, assume uma postura ativa, de interferência na vida e destino de seus filhos.

Maria: Mater Dolorosa e Mulher de Coragem

Meus filhos, hoje quero dizer-lhes que estou muito triste, e o meu coração está muito ferido... (aqui ela interrompe e chora) Estou passando por angústias por causa dos pecadores. Peço aos meus filhos que ofereçam orações para me consolar (Mensagem de 20/02/1994).

Maria não se conforma com os pecados cometidos pelos homens, que impedem a sua salvação, e por isso vem a terra. A possibilidade da perdição das almas causa um intenso sofrimento em Nossa Senhora, ela, como mãe, sofre por saber do futuro de aflições destinado a seus filhos. Segundo os participantes, a maior dor de uma mãe é ver os filhos sofrerem. Essa explicação, no contexto das aparições, refere-se aos pecados cometidos pelos homens que os levaria ao inferno – que representa o sofrimento eterno no catolicismo. Então Maria aparece para lembrá-los da importância do abandono do pecado.

A imagem de Maria triste, chorando, sofrendo é constante nas falas dos participantes das aparições, e a principal causa de sua dor são os pecados cometidos pelos homens, que ferem seu coração, provocam-lhe sofrimento, pois podem levá-los à perdição. Ela é vista como a mãe que sofre e se angustia pela possibilidade de perdição de seus filhos. Para os devotos, Maria sofre por cada um de seus filhos, cada pecado cometido é um atentado contra o coração de Nossa Senhora.

O sofrimento de Nossa Senhora nos remete a sua imagem como Mater Dolorosa: Maria ao lado de seu filho após a crucificação, o intenso sofrimento vivenciado por ela. Nos relatos sobre as aparições Maria também sofre por seus filhos pecadores, que a fazem derramar lágrimas de sangue, expressão máxima da dor.

A representação de Maria como Mater Dolorosa surge no mesmo período histórico que a concepção de sua mediação. Representações da Mater Dolorosa florescem por toda a Europa, sendo que a mais célebre é a Pietá, de Michelangelo, que captura a profundidade da dor de Maria sustentando o corpo de seu filho em seus braços, dando expressão artística à profecia bíblica de Simeão: uma espada trespassará a tua própria alma, que segundo Pelikan (2000), desde séculos anteriores era considerada como uma referência à experiência pela qual Maria passaria como a mais atingida testemunha da crucificação e morte de Jesus.

A Mater Dolorosa é tema de várias visões marianas durante a Idade Média, como nas revelações de Nossa Senhora a Santa Birgitta, na Suécia, em que Maria relata seus sofrimentos; e à Santa Teresa de Ávila, nas chamadas Angústias de Nossa

Senhora, em que a Quinta Angústia é simbolizada por Maria segurando o corpo de seu filho.

Nas manifestações contemporâneas a imagem destacada é a do sofrimento de Nossa Senhora pelos pecadores, mas a associação com a maternidade permanece. Assim como ela sofreu pelo flagelo de Jesus, sofre com os pecados dos homens, pois sabe que estes os levarão ao sofrimento eterno, ou seja, suas almas se perderão, estarão condenadas ao inferno. A mater dolorosa sofreu diante dos sofrimentos de Jesus, Maria nas aparições sofre por conhecer os sofrimentos destinados a seus filhos pecadores.

A preocupação de Maria com as aflições dos homens gera uma sensação de amparo aos devotos. Eles consideram que podem contar com a Virgem, que ela não lhes abandonará. Apesar do sofrimento de Nossa Senhora ser também uma forma de repreensão aos homens por seus pecados, serve para lembrá-los de que Maria está do seu lado, que se preocupa e sofre por eles. Assim, nos momentos de aflição é para ela que os devotos se voltam, pois acreditam que, mesmo sendo pecadores, podem contar com a sua compreensão.

Novamente destacamos a ambiguidade da figura de Maria, desta vez como Mater dolorosa, por um lado ela remete a submissão de sua figura, desde a anunciação, quando ela aceita ser mãe do filho de Deus, ela diz sim para todo o plano de Deus, ou seja, sabe e aceita todas as dores e sofrimentos que serão impingidos a ela e seu filho. Assim, Nossa Senhora das Dores é a imagem daquela que sofre em silêncio pelas agruras impostas a Jesus, ela é a imagem do sofrer calado, da quietude, aceitação e submissão. Isso transparece nas mensagens e nas falas dos participantes das aparições de Jacareí, Maria é muito doce, meiga, a imagem da mãe que sofre e chora por seus filhos, sem desespero, mas mansamente, com quietude e passividade.

Por outro lado, justamente por ser mãe, e por sofrer por seus filhos, ela desempenha também um papel ativo, em busca da salvação dos homens. Dessa forma, ela aparece nas mensagens e no discurso dos participantes como brava, como guerreira, como mulher forte, mulher de coragem. Ela luta bravamente em defesa de seus filhos, ela deseja que todos eles obtenham a salvação e por isso toma a frente de batalha. O sofrimento da possível condenação de seus filhos ao inferno não a leva a passividade, mas ao combate, ao desempenho de um papel ativo e forte.

Maria: a guerreira

Meus filhos rezem o Rosário todos os dias. Meus filhos, o Rosário será a grande arma.

Meus filhos, eu lhes dei muitos dons, e agora peço que os coloquem em prática, a fim que o meu TRIUNFO possa acontecer com urgência. Rezem.

Meus filhos, hoje eu venho pedir que aumentem as orações! Rezem para que eu TRIUNFE. Rezem que em breve o meu TRIUNFO virá (Mensagens de Março de 1994)

Neste ano minha luta será mais decisiva contra o dragão, pois agora o tempo dele já está contado em poucos grãos. O tempo caminha depressa para o meu triunfo. Tudo o que eu disse desde Fátima até agora se realizará e o mundo encontrará um novo tempo de paz (Mensagem de 07/01/1998).

Nas mensagens e na fala dos participantes a figura de Maria como guerreira, como Mulher de Coragem, ativa, que empreende uma guerra contra o inimigo – representado por Satanás – é recorrente. As metáforas relacionadas à guerra, ao combate são abundantes em seu vocabulário e muitas vezes destacadas, como é o caso da palavra triunfo, que aparece sempre com letras maiúsculas na transcrição das mensagens de Maria em Jacareí, além de outras metáforas comuns, como arma, luta e vitória.

Na aparição de Jacareí existe a representação de um combate, liderado por Nossa Senhora, contra Satanás e contra os pecados. Nesta guerra a maior arma são as orações dos homens, elas são capazes de salvar almas para Deus, ou seja, as orações contam ponto para o lado “do bem”, para Deus na batalha contra o mal – representado por Satanás e pelos pecados. Nesta batalha os homens são considerados os guerreiros de Nossa Senhora, cuja arma de combate são as orações, especialmente o Rosário, sendo que a Virgem a líder deste exército.

Na concepção dos participantes a batalha já está ganha, o Triunfo de Maria já está garantido, ela será a grande vitoriosa. Por que a guerra, então, se a vitória já esta determinada? Embora a batalha final seja considerada ganha, ocorre uma disputa pela alma dos homens – em torno da salvação ou da condenação de cada um deles. Assim, mesmo considerando que Maria sairá vitoriosa, quanto mais almas estiverem do lado de Deus – ou seja, quanto menos pessoas cometerem pecados e quanto mais praticarem a oração – maior será o seu triunfo e menor o seu sofrimento.

Dois aspectos devem ser destacados: A Vitória final de Maria e a sua disputa pela alma dos homens. No caso do combate, a importância da maternidade é reiterada em um papel ativo. Maria aparece por que quer o bem de seus filhos – representado pela salvação de suas almas – que somente será obtido pela conversão e abandono do pecado. As aparições são consideradas um aviso da Virgem, ela, como mãe, resolve tomar uma atitude para que os homens se voltem para o lado do bem. Ela se manifesta para defender seus filhos. Maria é concebida como uma mulher forte, guerreira, capaz de liderar um exército contra Satanás para que a alma de seus filhos seja salva.

Essa figura de Maria como guerreira, como mulher de coragem também não é nova no catolicismo. Apesar do papel de submissão e obediência que lhe foi associado, ambigualmente, a imagem da mulher forte também está presente no imaginário católico há séculos. Como paradigma da submissão está a concepção de Maria como “Serva do Senhor”, a que obedeceu aos desígnios divinos, entretanto,

para contrabalançar esta interpretação submissa de Maria na descrição medieval – período em que ambas surgiram – estava a idéia da Mulher de Coragem – Mulier Fortis. Segundo Pelikan (2000, p. 129), o termo advém do livro dos Provérbios, e foi associado à Maria: “Mulher de coragem tornou-se então uma notável designação e metáfora para identificar Maria como guerreira e campeã, como conquistadora e líder”.

Além dos Provérbios, e com maior influência, foi o livro do Gênesis que forneceu os fundamentos para a concepção guerreira de Nossa Senhora. Especialmente a passagem “E porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela, ela te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar”. Os teólogos desse período consideram que Nossa Senhora é a mulher mencionada, sendo a serpente considerada o Demônio. A vitória de Maria é dada como certa, ela é a mulher que vencerá a serpente do mal. Inclusive, a relação entre a Virgem e a mulher mencionada no livro do Gênesis é constantemente observada em representações artísticas desde então.

As representações que associam Nossa Senhora, a mulher do Gênesis e a “Mulher vestida de sol” mencionada no Apocalipse de São João são comuns desde a Idade Média. A mulher do Apocalipse combate e vence o dragão, que nas interpretações populares representa o Demônio – assim como a serpente o representa no livro do Gênesis. Essa tripla associação não está presente apenas na teologia, mas em pinturas e tapeçarias do período. Essas duas imagens da mulher vitoriosa foram associadas à Maria e estão presentes no imaginário católico, explicando as inúmeras denominações de Nossa Senhora como vitoriosa, guerreira, combatente, ou seja, como mulher forte.

A certeza do triunfo está, pois, relacionada a estas duas passagens bíblicas, que prevêm a Vitória da Mulher – Maria. Essa interpretação é recorrente nas aparições da atualidade. Nossa Senhora é considerada a vencedora do inimigo, o pecado, sendo percebida como mãe guerreira, brava defensora da humanidade, combatente incansável do pecado. Ou seja, à concepção do triunfo de Nossa Senhora é acrescentada a sua percepção como defensora e líder dos homens contra o inimigo. E, para isso, a imagem utilizada é a da mulher do Apocalipse, a mulher vitoriosa sobre o dragão.

Importa mencionar que uma das representações mais comuns de Maria combatente é a imagem de Nossa Senhora do Rosário, figura constantemente associada às aparições, como em Fátima e em Jacareí. O Rosário representa a arma da Virgem, e também dos homens, seus seguidores e combatentes.

Em muitas das mensagens da Virgem em Jacareí ela oscila entre sofredora, padecendo e chorando pelos pecados dos homens, e ameaçadora, lembrando a eles os castigos pelos quais passarão se não obedecerem a Deus abandonando o pecado.

Junto à característica guerreira surge uma Virgem ameaçadora, a própria mulher do apocalipse⁴, que defende os homens, mas que também os adverte dos sofrimentos previstos caso não abandonem o pecado. Maria é uma forte defensora de seus filhos, mas também os ameaça com dolorosos castigos, lembrando-os da responsabilidade de sua escolha – o livre arbítrio – entre o “caminho do bem”, livre do pecado e que os conduzira a salvação, e o caminho do mal, o pecado que os conduzirá ao sofrimento eterno⁵.

Assim, embora Maria sofra e se mobilize por seus filhos, ela também mostra que eles são os responsáveis pelo seu futuro, ameaçando com fortes punições aqueles que optarem pelo pecado. Os homens, além de responsáveis pelo seu futuro, são considerados guerreiros da Virgem, estando ao seu lado na batalha cuja principal arma é o Rosário. Há, pois, uma concepção ativa da humanidade; se Maria lidera o exército contra o pecado e os homens são os seus guerreiros, responsáveis não apenas pela sua própria salvação, mas também pela salvação de outros homens, por meio da conversão e do abandono do pecado. Reiterarmos, então, que à dimensão ativa e guerreira de Nossa Senhora nas aparições, está associada a característica também ativa e guerreira de seus devotos.

Dessa maneira, da simbologia guerreira de Maria emergem sentidos que atribuem valor aos indivíduos, que os dignificam enquanto importantes atores na história da salvação. A ação individual ganha importância na concepção dos homens como guerreiros da Virgem. Os homens, como Maria, possuem um papel ativo, eles são importantes no combate ao pecado, um exército não obtém a vitória sem seus guerreiros. Nossa Senhora precisa dos homens na sua batalha, cada indivíduo é considerado importante, único e com valor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo analisamos diferentes concepções sobre a Virgem Maria presentes nas aparições contemporâneas: a maternidade, a mediação e o combate, demonstrando que eles pertencem a um imaginário de longa duração no catolicismo, mas que, apesar disso, não se tratam de meros arcaísmos, ou debates teológicos, pelo contrário, a eles são anexadas características e significações importantes para os indivíduos na atualidade, fazendo com que estes fenômenos permaneçam fortes no mundo contemporâneo.

Analisando as características e papéis atribuídos a Nossa Senhora nas aparições contemporâneas, observamos diferentes percepções sobre a mulher e seus papéis presentes na fala dos atores e associados à figura de Maria. Entre eles destaca-se a percepção da maternidade como amor, carinho, preocupação e proteção aos filhos. Maria encarna o modelo de maternidade, possuindo as características consideradas inerentes a uma boa mãe. Ela é o modelo de perfeição, inclusive

como mãe, é a mãe perfeita, carinhosa, doce, próxima, acessível, preocupada e protetora.

A explicação central para as aparições pelos participantes está relacionada a esta percepção da maternidade. Maria vem ao mundo terreno devido a sua preocupação com a salvação de seus filhos, para avisá-los do futuro. Ela é, pois, também a mediadora, pertencendo aos dois “mundos”, transitando e transmitindo informações e pedidos entre eles. Importa destacar que Maria apenas pertence ao reino dos céus devido a sua obediência e submissão, sendo por isso considerada o ser humano mais perfeito, o modelo de mulher e de ser humano a ser seguido. Entretanto, como mãe ela também assume o papel de defensora dos homens, mulher que toma alguma atitude para que seus filhos obtenham a felicidade eterna. Ela é submissa e obediente aos planos de Deus, mas essas características não a levam a passividade, pelo contrário, Maria é forte, corajosa, guerreira. Junto com a imagem doce e singela, da suavidade marcante de algumas falas atribuídas a ela, está a figura de uma mulher determinada a brigar pela felicidade de seus filhos, capaz de enfrentar um dragão e pisar em uma serpente para defendê-los. Assim, a maternidade de Maria também aparece associada à concepção da fortaleza, da firmeza em defesa dos filhos.

Mãe e mediadora, eis dois papéis centrais assumidos por Nossa Senhora nas aparições. Papéis que possuem profundidade histórica, mas que incorporam importantes sentidos para os peregrinos das aparições contemporâneas, principalmente a atribuição de valor, especificidade, dignidade e responsabilidade aos indivíduos, sentidos que ficaram patentes nas falas e mensagens proferidas durante as aparições. Arelada às concepções e papéis da Virgem nas aparições constatamos uma concepção de indivíduo único, autônomo e digno que se mostrou central para os devotos.

THE VIRGIN MARY IN APPARITION: WHO IS THIS WOMAN?

Abstract: this paper analyses the features and roles assumed by Our Lady in the apparitions that exists in the actuality. The article uses as a case study the apparitions of Mary in the city of Jacareí, in São Paulo state. It is important to observe the elements presents at this phenomenon, and its reports with the roles assumed by Virgin Mary in others historiques moments and/or others contexts. However, these symbolic elements have new interpretations that make sense in the contemporary world.

Keywords: *Our Lady. Symbolic Elements. Motherhood.*

Notas

¹ Analisamos as práticas rituais dos peregrinos que participavam dos cenáculos através de excursões realizadas por suas paróquias de origem, sendo que, a partir delas pudemos perceber as relações religiosas estabelecidas por eles.

² O grupo de apoio é um grupo de pessoas que acompanha as aparições, organiza os rituais, as viagens e contatos do vidente, a divulgação das mensagens de Nossa Senhora etc. Agem como organizadores e divulgadores desta manifestação.

³ Sem ser, porém, uma divindade. Ela apenas compartilha da natureza divina por estar nos céus, junto de Cristo e do Espírito Santo.

⁴ A imagem da mulher vestida de sol está, desde a Idade Média, relacionada com as visões marianas, sendo muito recorrente. Nas palavras de Pelikan (1996, p. 240): “Literalmente, milhares de aparições semelhantes foram relatadas ao longo dos séculos”.

⁵ A visão apocalíptica é elemento importante nas aparições. Maria é a mulher do apocalipse, e junto a ela todas as demais profecias presentes no Apocalipse de São João são lembradas pelos participantes. Eles consideram que Nossa Senhora se manifesta devido à proximidade do final dos tempos, ao fato de que estamos vivenciando os “últimos dias”. Há, pois, uma dimensão milenarista e escatológica nas manifestações de Nossa Senhora, que, infelizmente, não cabe nos parâmetros deste artigo.

Referências

ALBERT-LORCA, M. “Les apparitions et leur histoire”. In: *Archive des Sciences Sociales des religions*, n. 124. Paris, 2001.

ALBERT-LORCA, M. *Les Vierges Miraculeuses: legendes et rituels*. Paris: Gallimard, 2002.

ALMEIDA, Tânia Mara. *Vozes da Mãe do Silêncio*. Brasília, CNPq/Pronex, 2004.

ALMEIDA, Tânia Mara. A aparição de Nossa Senhora em Piedade dos Gerais. In: STEIL, Carlos Alberto. *Maria entre os vivos. Reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.

BARNAY, Sylvie. *La Vierge: femme au visage divin*. Paris: Gallimard, 2002.

BARNAY, Sylvie. “Le ciel sur la terre”. *Les apparitions de la Vierge au moyen age*. Paris: Gallimard, 2000.

BOUFLET, Joachim; BOUTRY, Philippe. *Un signe dans le ciel: les apparitions de la Vierge*. Paris: Bernard Grasset, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 1998.

CLAVERIE, Elisabeth. *Les guerres de la Vierge: une anthropologie des apparitions*. Paris: Gallimard, 2003.

CHRISTIAN, Jr Willian. *Visionaires: The spanish republic and the reign of christ*. Los Angeles, University of California press. 1998.

CREMOUX, Françoise. *Pèlerinages e miracles a Guadalupe au XVI Siécle*. Madrid, Casa Velásquez. 2001.

GILLET, Claude. 1994. *La rumeur de Dieu: apparitions, propheties et miracles sous la restauration*. Paris: Imago, 1994.

HARRIS, Ruth. *Lourdes: la grande histoire dès apparitions, dès pèlerinages e des guérrisons*. Paris: JC Lattès, 2001.

MONTES, Maria Lúcia. *As Figuras do Sagrado: Entre o Público e o Privado. História da Vida Privada IV*. 1995.

- PELIKAN, Jaroslav. *Maria através dos séculos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- SALES, Lílian. *Redes e Peregrinações: a circulação nas aparições marianas*. *Ciências Sociais e Religião*, ano 11, n. 11: Porto Alegre, 2009.
- SANABRIA-SANCHES, F. *Lês apparitions contemporaines de la Vierge em Amerique Latine*. Tese de doutorado. Paris: EHESS, 2004.
- STEIL, Carlos Alberto. *Maria entre os Vivos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- STEIL, Carlos Alberto. *Uma antropologia das peregrinações e do turismo religioso, algumas questões metodológicas*. *Imaginário – USP*, n. 8. 2002.
- STEIL, Carlos Alberto. *As aparições marianas na história recente do catolicismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- WARNER, Marina. *Alone off all her sex: The Myth and the Cult of Virgin Mary*. New York: Vintage, 1983.